



APRESENTAÇÃO

Cenário Econômico e Setorial

Maio | 2023

- Este material foi elaborado pela **PACHECO CONSULTORES LTDA.**, denominada “**PACHECO**”, com base em informações coletadas nas fontes indicadas.
- As informações contidas neste material tratam-se apenas opinião particular da **PACHECO** quanto ao histórico e perspectivas da economia, setores e segmentos.
- O conteúdo deste trabalho não contém vertentes ou dados que os proprietários de empresas e também as pessoas físicas devam considerar como suficientes antes de tomar qualquer decisão em relação a negócios e investimentos.
- Este material foi elaborado com base nas informações fornecidas pelos órgãos indicados nas fontes, sendo assim, a **PACHECO** não se responsabiliza por eventual inexatidão ou imprecisão da completude das informações contidas nesta apresentação.
- Nenhuma declaração de garantia, seja ela expressa ou implícita, será feita nesta apresentação.
- Dados não auditados.

Economia

No cenário internacional o processo de desinflação vem ocorrendo de forma bastante gradual, levando os bancos centrais a manterem o ciclo de alta dos juros, que parece estar próximo do fim. A atividade econômica global vem registrando melhora acima do que o esperado. Para o próximo ano, as expectativas são de inflação próxima da meta e início do ciclo de corte de juros a partir de meados do ano. Assim, as estimativas estão menos otimistas para o crescimento, como resultado da política monetária contracionista.

No mercado doméstico, a inflação vem desacelerando e a economia cresceu acima do esperado nos primeiros meses do ano. Para 2024, a estimativa é de convergência da inflação para o centro da meta e início do corte de juros a partir de meados do ano, porém permanecendo ainda em dois dígitos, o que deverá limitar o crescimento econômico.

Comércio e Serviços

Em um cenário de baixo crescimento e juros altos, o comércio de produtos dependentes de crédito, como veículos, móveis, eletrodomésticos e materiais para construção, devem seguir com fraco desempenho ao longo do ano. Os segmentos que dependem apenas de renda, como supermercados, farmácias e vestuário devem manter crescimento moderado. Serviços seguem em recuperação robusta impulsionados pela retomada de atividades de lazer.

Indústria

No primeiro trimestre deste ano, a produção da indústria recuou 0,4% em relação ao mesmo período do ano passado, afetada pela baixa taxa de investimento que impacta o segmento de bens de capital. O PIB da indústria deverá registrar baixo crescimento neste ano, de 0,3% com tendência de aceleração no próximo ano, crescendo 1,0%.

Materiais de construção

Vendas e produção de materiais para construção devem continuar em queda, refletindo o cenário de juros elevados e a mudança de dinâmica do consumo, hoje mais voltado para serviços.

Imobiliário

Tendência de desaceleração dos lançamentos de imóveis residenciais por conta do elevado de estoque de imóveis à venda. As vendas deverão continuar em expansão, porém com crescimento mais moderado do que o registrado nos anos anteriores, em razão das elevadas taxas de juros, que inibem o financiamento.

Autopeças

Produção de autopeças vem registrando recuo, afetada pela queda de produção de veículos pesados, mas tende a registrar recuperação ao longo do ano, pela melhora do setor automotivo.

Agronegócio

O PIB da agropecuária está estimado com forte crescimento este ano, uma alta de 7,1%, impulsionado pela safra agrícola recorde.

O Banco Central Europeu reduziu o ritmo de alta dos juros em maio para 0,25%, ante 0,50% do mês anterior. O Banco Central norte-americano, o Fed também elevou a taxa básica de juros em 0,25% na reunião de maio. As autoridades monetárias assinalaram que ainda não deverão encerrar o ciclo de alta, já que a inflação permanece distante da meta. A avaliação geral do mercado é que há a possibilidade de encerramento da alta nos próximos meses, porém o ciclo de cortes não deverá ocorrer antes de meados de 2024.

A economia chinesa segue com forte crescimento este ano, impulsionada pela reabertura das atividades e pelos estímulos governamentais. No primeiro trimestre a atividade global mostrou sinais melhores do que o previsto anteriormente, com impulso principalmente do consumo, a despeito da política monetária restritiva.

Nesse cenário, as expectativas para o crescimento global de 2023 estão mais positivas do que o esperado nos meses anteriores, mas ainda é um movimento de desaceleração. De fato, em abril o FMI divulgou a atualização das projeções para o crescimento mundial, que passaram de 2,9%, na estimativa de janeiro, para 2,8%. Para 2024 as expectativas foram revisadas de 3,1% para 3,0%, como efeito da política monetária contracionista.

As projeções para o crescimento chinês permaneceram iguais às estimadas em janeiro, em 5,2%, com o impulso das flexibilizações das restrições contra a pandemia. Para os EUA as previsões subiram de 1,4% para 1,6% e para a Área do Euro passaram de 0,7% para 0,8%. As revisões baixistas foram: Japão de 1,8% para 1,3%, América Latina de 1,8% para 1,6% e Brasil de 1,2% para 0,9%.

Projeções de PIB Estimativa de Abril/23 | Var %

Países	2022	2023	2024
Mundial	3,4	2,8	3,0
EUA	2,1	1,6	1,1
Área do Euro	3,5	0,8	1,4
Japão	1,1	1,3	1,0
China	3,0	5,2	4,5
América Latina	4,0	1,6	2,2
Brasil	2,9	0,9	1,5

Nas projeções para o Brasil foi utilizada a fonte FMI, para manter a homogeneidade na comparação com os outros países.

Projeções de PIB - Variação %

Países	2022	2023	2024
Mundial	3,4	2,9	3,1
EUA	2,0	1,4	1,0
Área do Euro	3,5	0,7	1,6
Japão	1,4	1,8	0,9
China	3,0	5,2	4,5
América Latina	3,9	1,8	2,1
Brasil	3,1	1,2	1,5

Estimativa de janeiro/23

Os dados de atividade apresentaram desempenho acima do esperado nos primeiros meses do ano, favorecidos pelo agronegócio e pelo consumo das famílias. As sucessivas revisões positivas para a safra recorde e as exportações de carnes beneficiaram o PIB agro no primeiro trimestre e o consumo das famílias seguiu resiliente, impulsionado pela continuidade de melhora do emprego. No entanto para os próximos meses a atividade econômica deverá mostrar acomodação, refletindo o aperto monetário e a desaceleração da economia mundial, fechando o ano com elevação de 1,0%, após expansão de 2,9% em 2022. Para 2024, a economia deverá registrar ainda um baixo crescimento, de 1,4%, por conta dos efeitos da política monetária contracionista.

Apesar disso, o consumo das famílias e os serviços deverão continuar com melhor performance, com estimativa de crescimento de 1,1% e 1,0%, nessa ordem, impulsionados pela combinação de aumento do salário mínimo, renegociações de dívidas (Programa Desenrola), desoneração do IRPF e transferências governamentais. O PIB da agropecuária está estimado com forte expansão este ano, uma alta de 7,1%, favorecido pela safra recorde. A indústria ainda seguirá com baixo desempenho, estimado em 0,3% para este ano, impactada principalmente pelos juros altos e pelo menor crescimento global.

A desaceleração da economia deverá elevar a taxa de desemprego nos próximos meses. Mas a média do ano estimada em 8,9% ficará abaixo da média do ano passado, (9,3%), com tendência de aumento a partir de 2024, quando a média poderá alcançar 9,1%.

A inflação segue desacelerando de forma bastante gradual, permanecendo acima da meta neste e no próximo ano, devendo encerrar 2023 em 6,0% e 4,2% em 2024.

O Banco Central decidiu manter a taxa Selic em 13,75% ao ano na reunião de maio. O Bacen reconheceu que a apresentação do arcabouço fiscal reduziu parte das incertezas sobre a política fiscal, mas não deu indícios de que a redução dos juros poderá ser iniciada em breve, já que os principais riscos para a inflação continuam sendo a persistência da inflação mundial, e a incerteza sobre os impactos do arcabouço fiscal sobre o câmbio e conseqüentemente na inflação. As expectativas são de corte dos juros apenas no final do ano, para 12,50% e 10,00% em 2024.

Indicadores	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
PIB	1,3	1,8	1,2	-3,3	5,0	2,9	1,0	1,4	1,7
PIB - indústria	-0,5	0,7	-0,7	-3,0	4,8	1,6	0,3	1,0	1,7
PIB - Serviços	0,8	2,1	1,5	-3,7	5,2	4,2	1,0	1,5	1,7
PIB - Agropecuária	14,2	1,3	0,4	4,2	0,3	-1,7	7,1	2,0	3,0
Consumo das famílias	2,0	2,4	2,6	-4,6	3,7	4,3	1,1	1,2	1,7
Taxa de Investimento	-2,6	5,2	4,0	-1,7	16,5	0,9	0,5	1,8	2,1
Taxa de Desemprego (média)	12,7	12,3	12,0	13,8	13,2	9,3	8,9	9,1	9,2
Inflação IPCA	2,9	3,7	4,3	4,5	10,1	5,8	6,0	4,2	4,0
Taxa de Juros - Selic	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50	10,00	9,00
Câmbio R\$/US\$ - 31/12	3,31	3,87	4,03	5,20	5,58	5,28	5,20	5,20	5,20

A taxa de câmbio mostrou sinais mais positivos recentemente, oscilando entre R\$/US\$ 4,90 e R\$/US\$ 5,00, refletindo a combinação de: balança comercial recorde, boa comunicação do governo sobre o novo arcabouço fiscal, melhora da expectativa de crescimento brasileiro para este ano, diferencial de juros entre Brasil e EUA. Com isso, as estimativas para o câmbio no final deste ano são de R\$/US\$ 5,20, devendo manter o mesmo patamar no final de 2024.

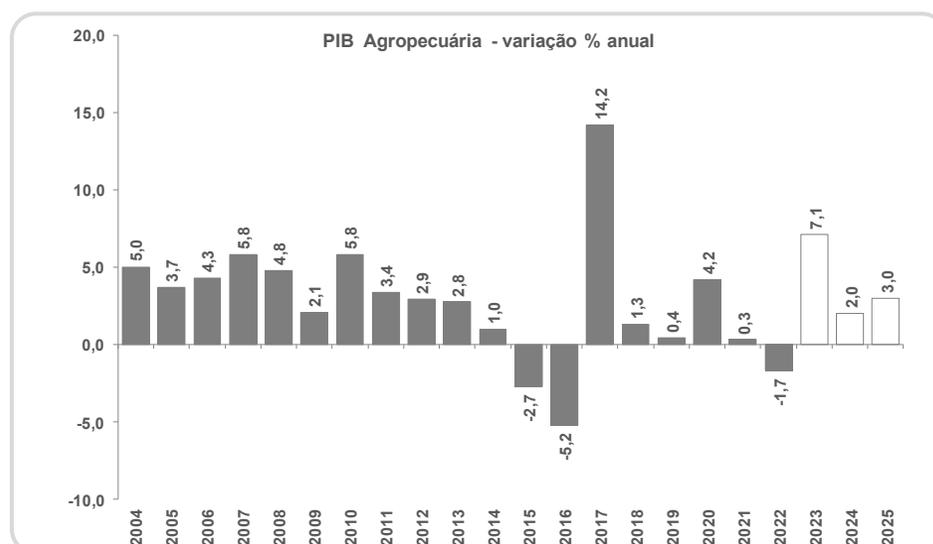
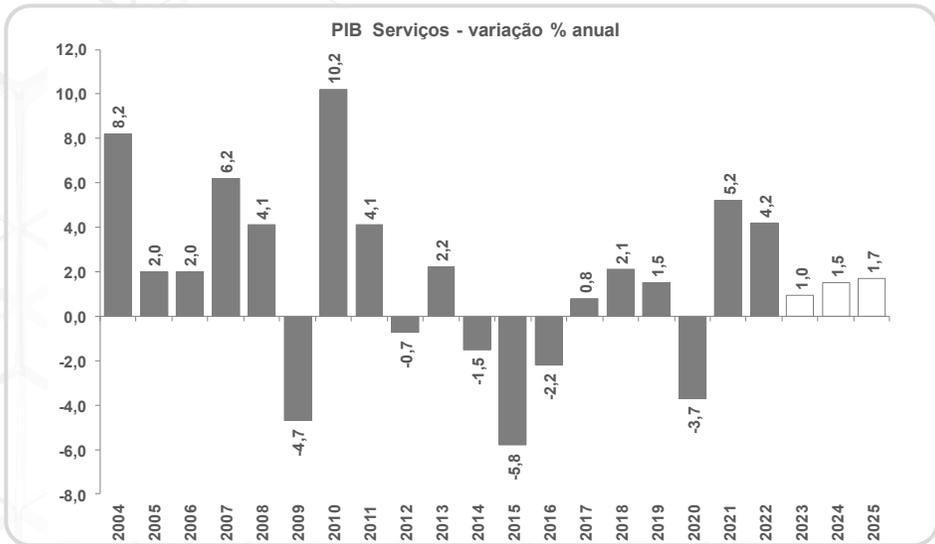
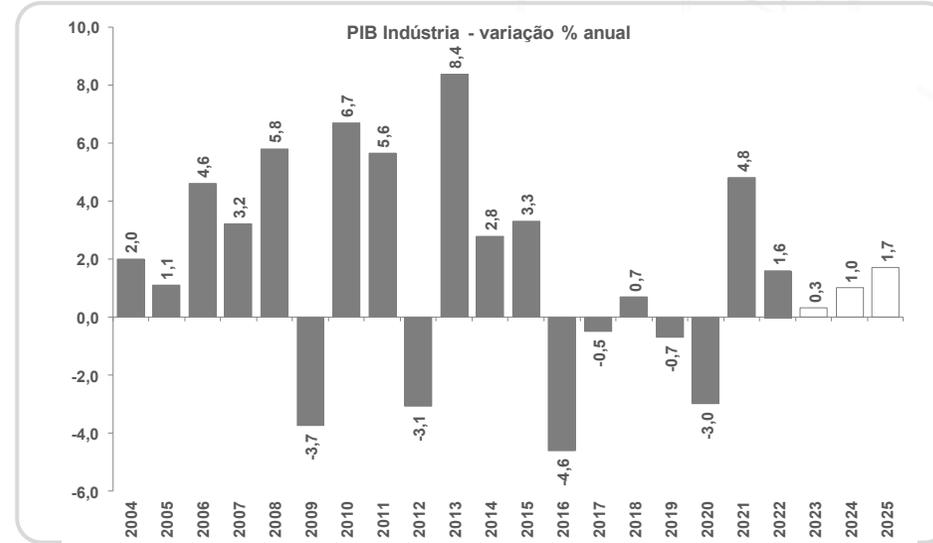
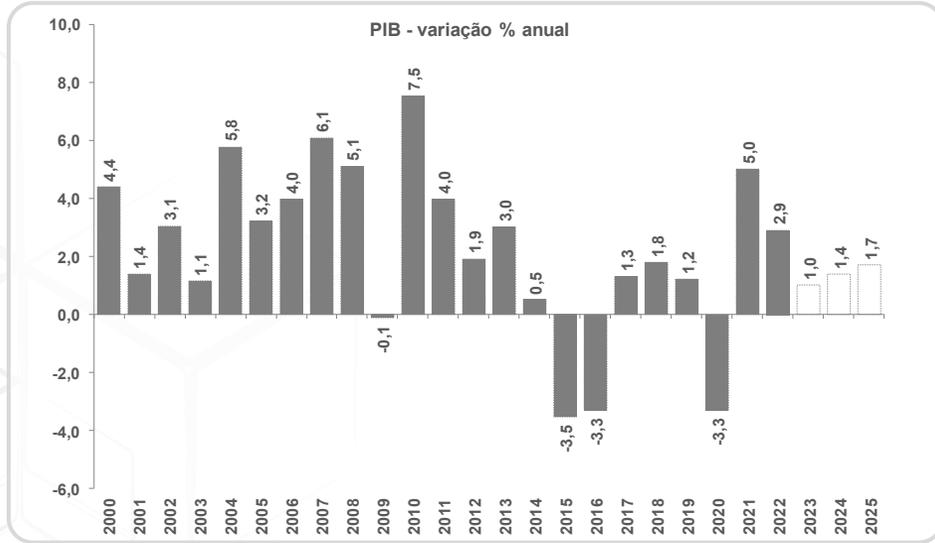
Em 18 de abril o Governo Federal apresentou ao Congresso Nacional a proposta para o novo marco fiscal, que irá substituir o Teto de Gastos. As principais medidas são:

- ✓ Limites para o crescimento da despesa em relação ao crescimento da receita
- ✓ Metas de superávits primários para 2024 a 2026 (0%, +0,5% e 1% do PIB respectivamente)
- ✓ As despesas públicas têm um limite mínimo e máximo de crescimento: +0,6% e 2,5%
- ✓ Foi excluída a possibilidade de punição por não cumprimento da regra

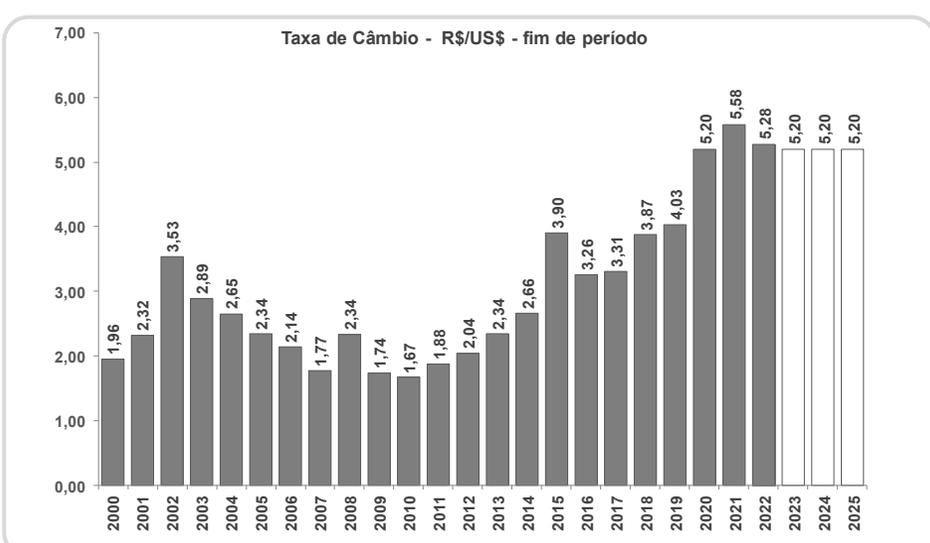
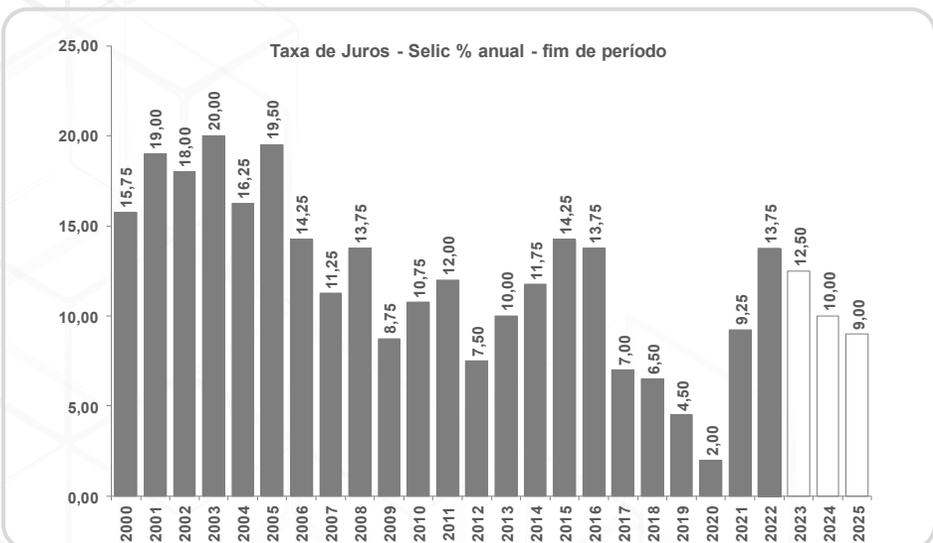
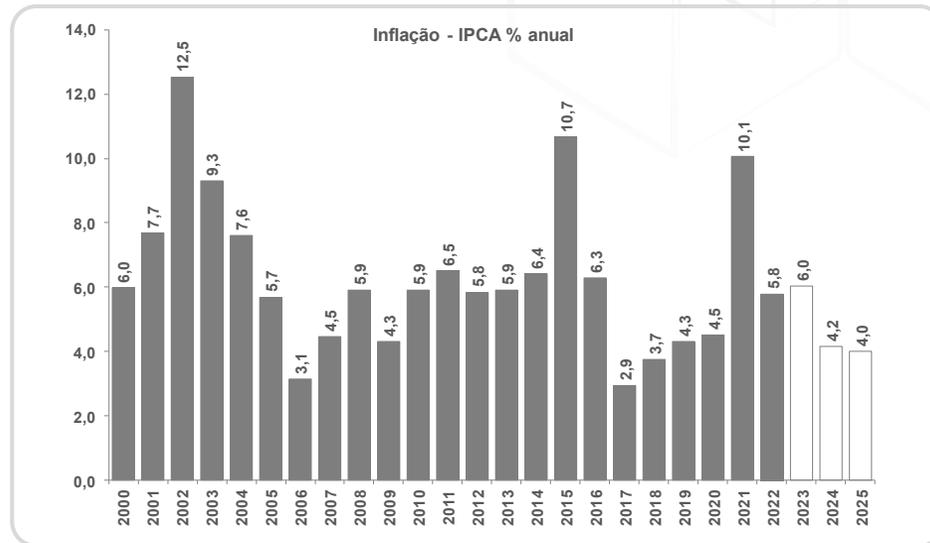
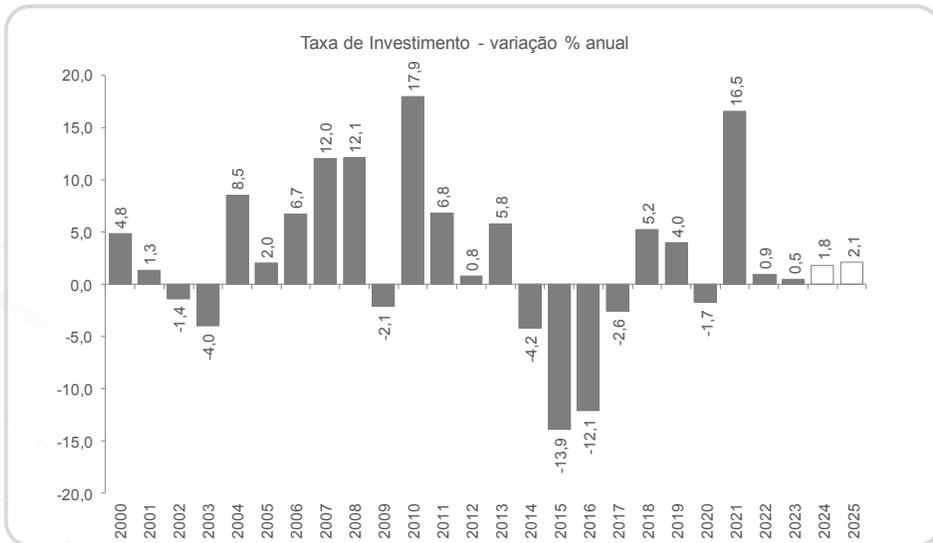
A aprovação requer maioria absoluta de votos para aprovação (257 votos na Câmara e 41 no Senado). A expectativa inicial é que ocorra na primeira quinzena de maio.

De forma geral, o novo arcabouço fiscal não traz corte de despesas e para o cumprimento das metas fiscais, será necessário aumento de impostos ou corte de subsídios. Além disso, ainda há indefinições de como serão cumpridas as regras. O maior desafio do novo arcabouço é reduzir a dívida pública. E sem essa redução, a principal consequência é a piora do risco país, com impacto na alta do câmbio e a conseqüente manutenção dos juros elevados para conter a inflação advinda da pressão cambial.

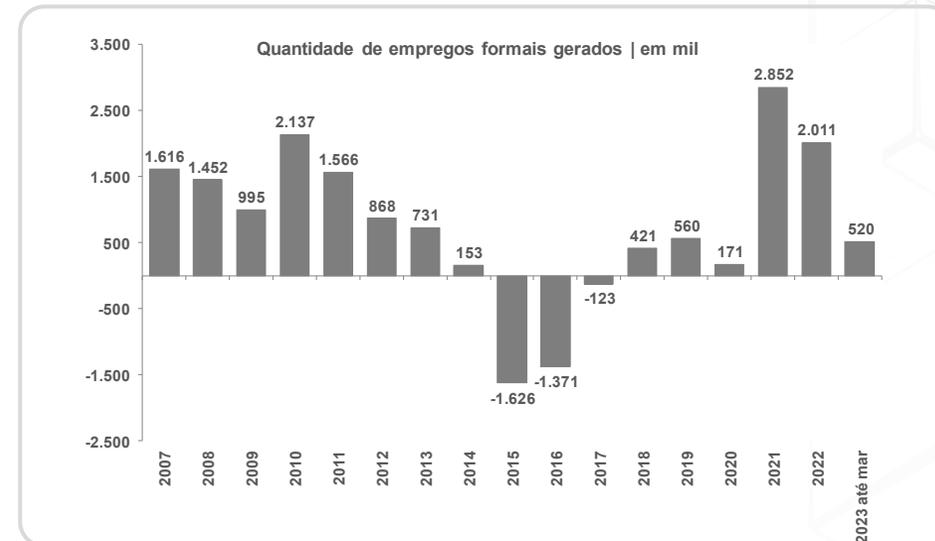
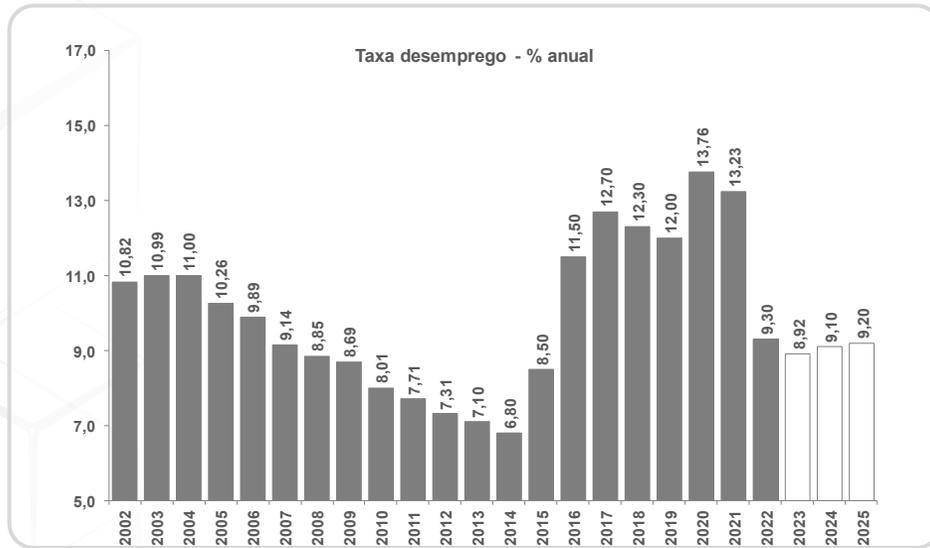
- ✓ Desaceleração do crescimento global.
- ✓ Menor crescimento econômico em 2023 pode impactar em geração de caixa das empresas.
- ✓ Dificuldades financeiras das empresas provenientes do período de *lockdown*.
- ✓ Aumento da inadimplência.
- ✓ O estresse no setor bancário nos EUA, combinado ao aumento de empresas em recuperação judicial no Brasil e elevação da inadimplência, implicam em maiores restrições de crédito para as empresas.
- ✓ Inflação elevada representa custos pressionados para as empresas com matérias primas, dissídios coletivos e aluguéis.
- ✓ A situação fiscal do país seguirá sendo uma preocupação relevante, sobretudo diante do cenário de desaceleração da economia que reflete em menor arrecadação.
- ✓ A OMS (Organização Mundial de Saúde) declarou o fim da emergência sanitária sobre a Covid. No entanto, o status da pandemia permanece, porque a Covid está disseminada globalmente.

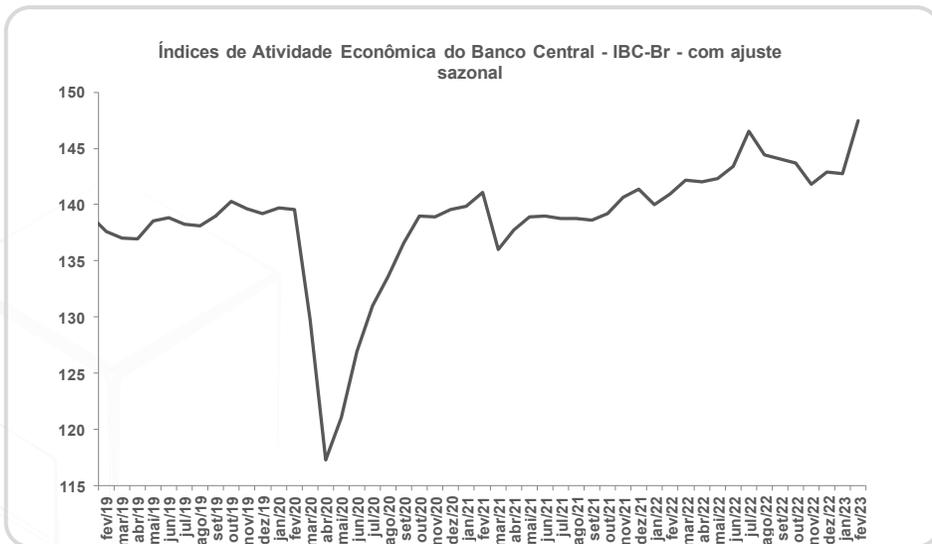


A agropecuária e os serviços continuam com melhor desempenho enquanto a indústria segue com baixo crescimento.



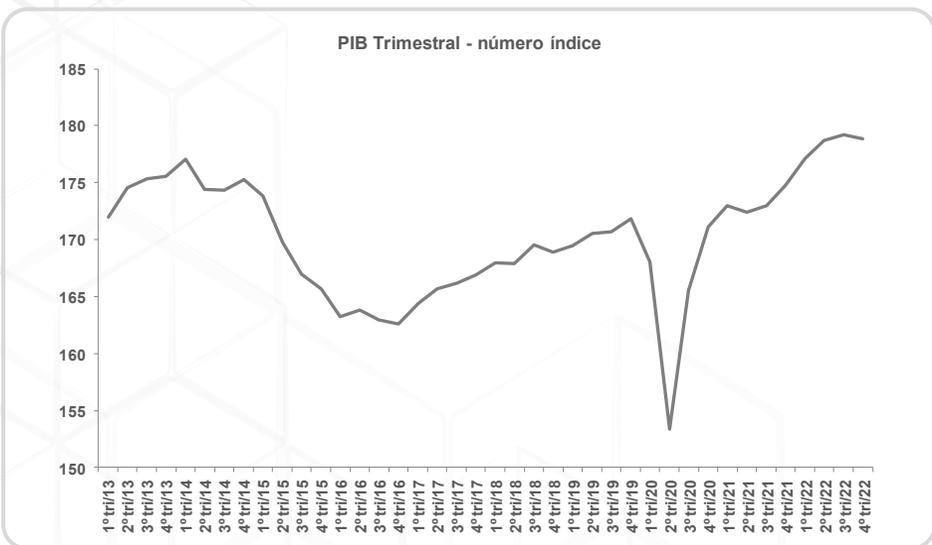
No longo prazo, inflação deverá chegar ao centro da meta, permitindo taxas de juros mais baixas, o que incentiva a retomada dos investimentos.





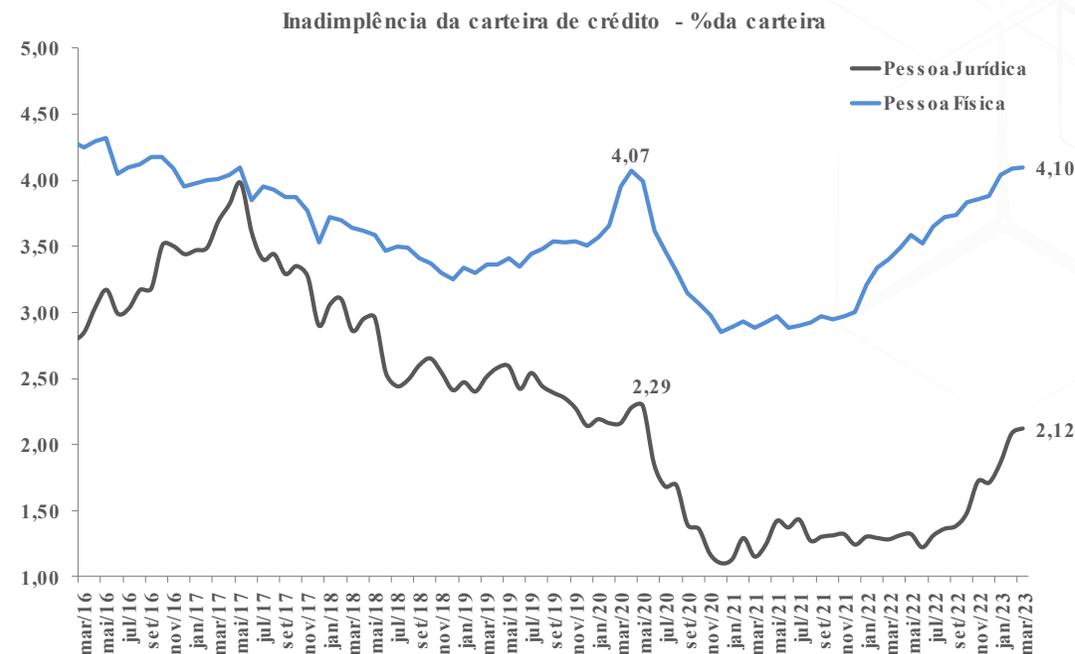
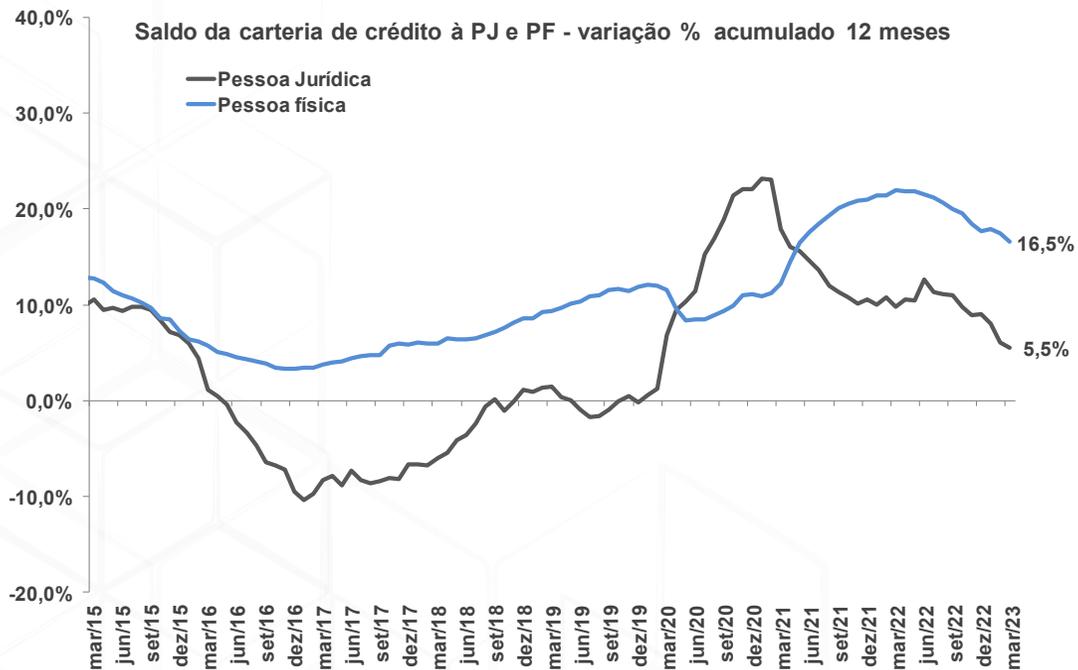
Os dados de atividade apresentaram desempenho acima do esperado nos primeiros meses do ano, favorecidos pelo agronegócio e pelo consumo das famílias.

As sucessivas revisões positivas para a safra recorde e as exportações de carnes beneficiaram o PIB agro no primeiro trimestre e o consumo das famílias seguiu resiliente, impulsionado pela continuidade de melhora do emprego.



A expansão do crédito tem sido um dos principais impulsos para a melhora da atividade econômica, no entanto vem registrando desaceleração de crescimento nos meses recentes por conta da alta dos juros.

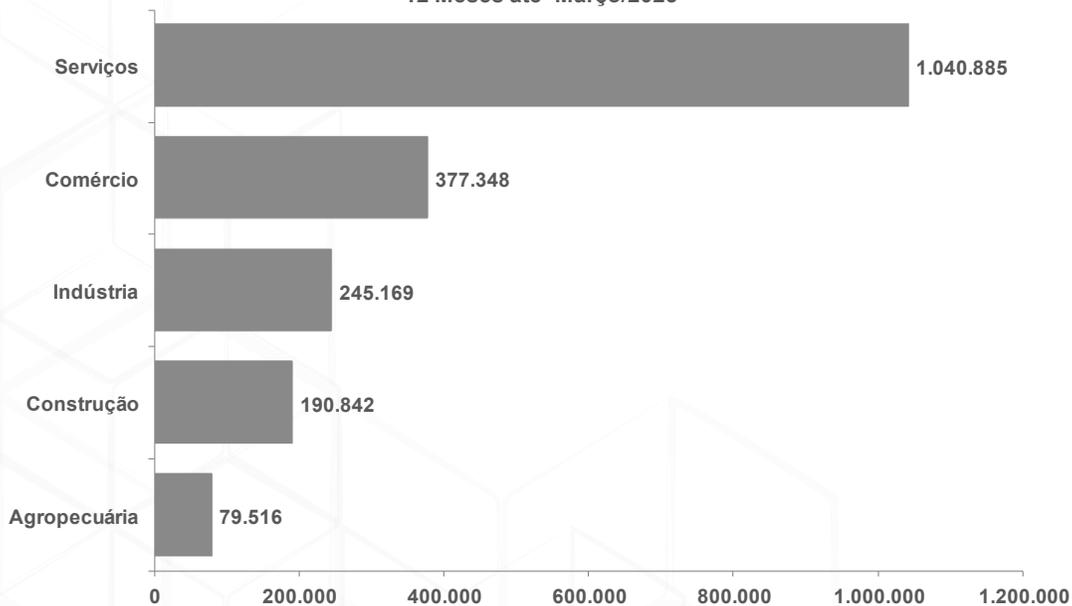
A inadimplência da PF e da PJ vem registrando piora, refletindo as dificuldades financeiras de empresas e famílias com os juros altos e com a inflação que impacta na renda.



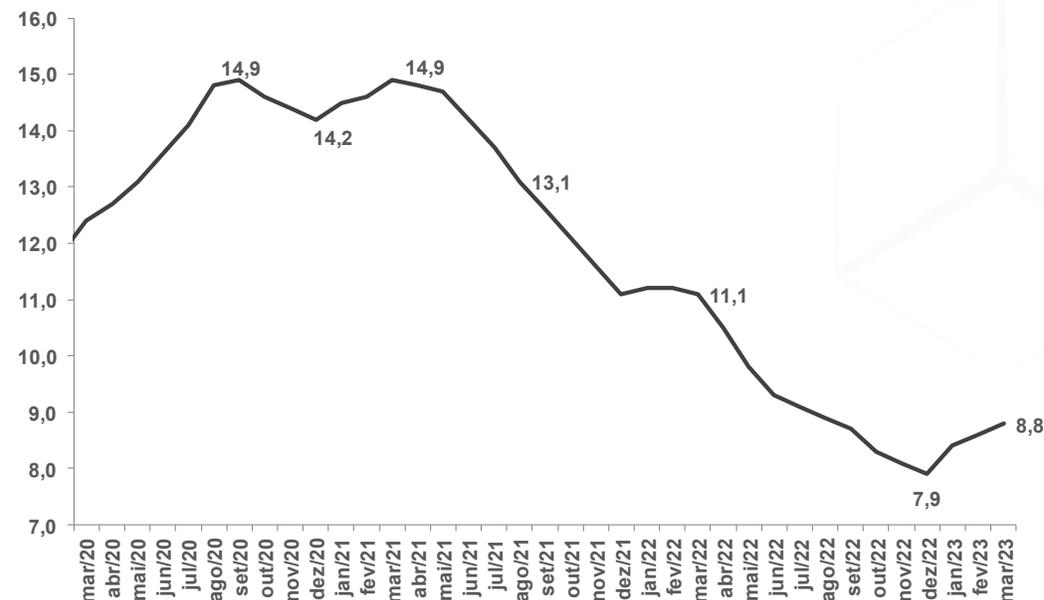
O desemprego está abaixo do período pré-pandemia. Desde o final de 2021, o emprego vem crescendo em ritmo mais acelerado do que a atividade econômica e isso parece estar associado à Reforma Trabalhista que flexibilizou as relações de trabalho e à composição setorial dos empregos gerados. De fato, setores mais intensivos em mão de obra, como comércio e serviços estão em crescimento. A Reforma Trabalhista de 2017 favoreceu a redução de ajuizamento de ações trabalhistas, reduzindo custos e isso é um fator que favorece a demanda por trabalho.

Nos meses recentes a taxa de desemprego registrou alta, refletindo a desaceleração econômica.

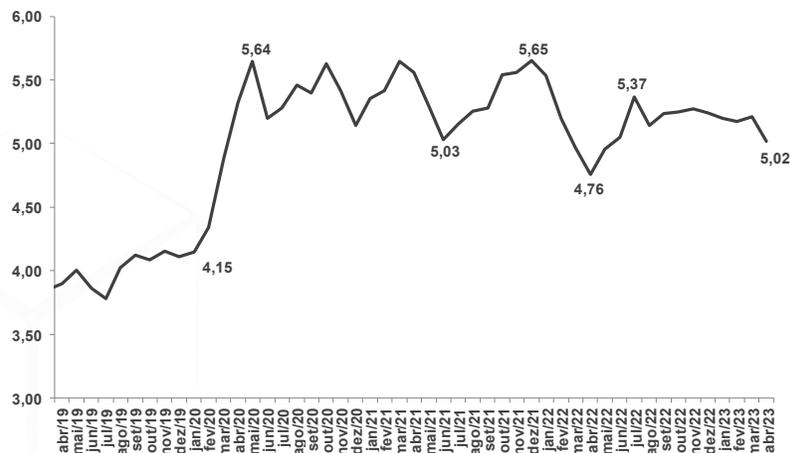
Quantidade de empregos formais gerados por setor |
12 Meses até Março/2023



Taxa de desemprego - Variação % mensal



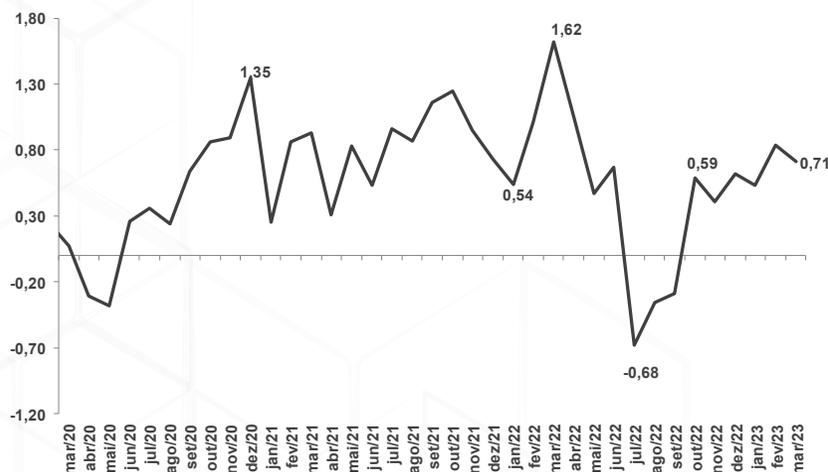
Taxa de câmbio Média mensal - R\$/US\$



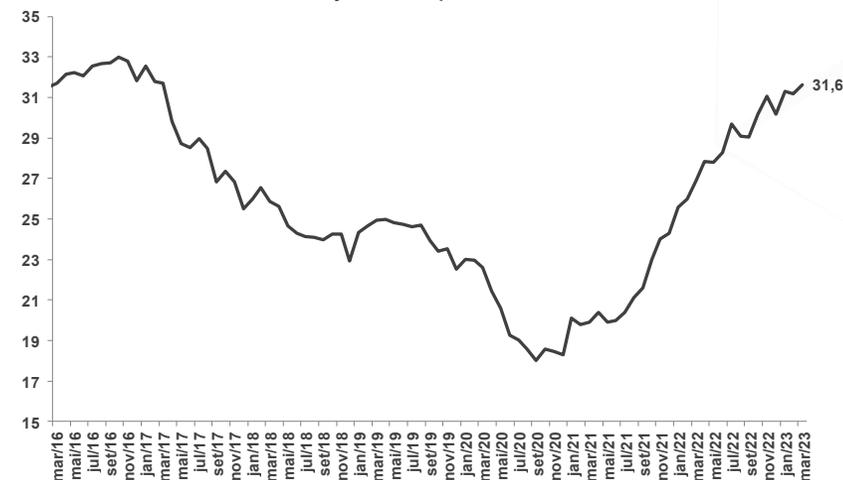
A taxa de câmbio vem se mantendo em torno de R\$/US\$ 5,00 nos meses recentes. A Selic em nível elevado contribui para a manutenção nos atuais patamares.

O IPCA voltou a registrar alta após a deflação registrada em meados do ano passado, por conta das desonerações de energia e combustíveis, principalmente. Neste cenário, o Banco Central mantém a Selic elevada, com impacto na elevação das taxas de juros de empréstimos.

Taxa de inflação - IPCA - IBGE - Variação mensal



Taxa média de juros de empréstimos PJ e PF % a.a.

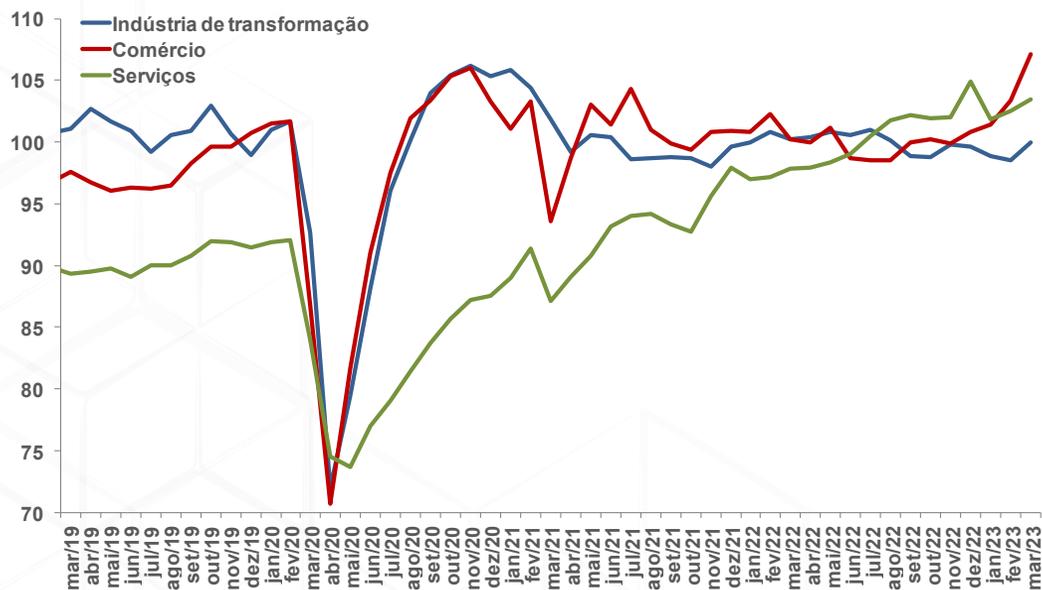


A **indústria** registrou recuperação rápida após a reabertura das atividades, mas nos meses recentes seguiu estagnada, impactada pela falta de componentes e matérias primas e pela baixa confiança do empresário em investir.

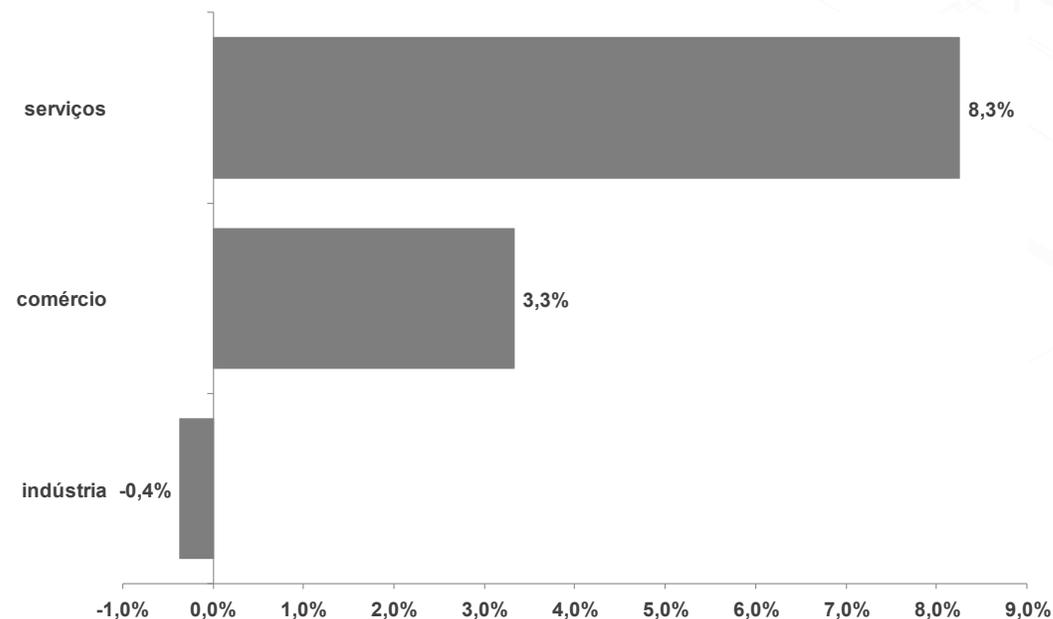
O **comércio** varejista registrou recuperação rápida, impulsionado pelo *e-commerce*. A melhora do emprego e os benefícios sociais vem ajudando a manter a expansão do varejo.

Serviços demoraram mais a sair da crise, já que as atividades de lazer e serviços prestados às famílias só voltaram a partir do fim do isolamento social. Com o avanço da vacinação a recuperação dos serviços segue consistente.

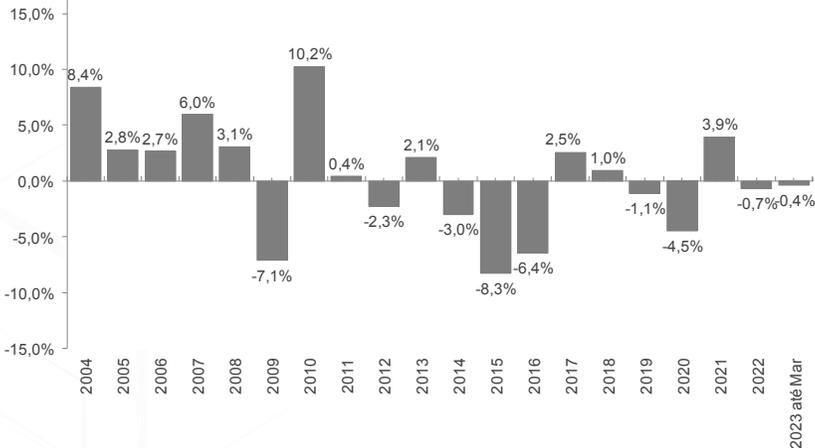
Indicadores Setoriais - com ajuste sazonal



Var % dos indicadores setoriais | Acumulado do ano até março 2023



Produção Industrial - Variação % ao ano



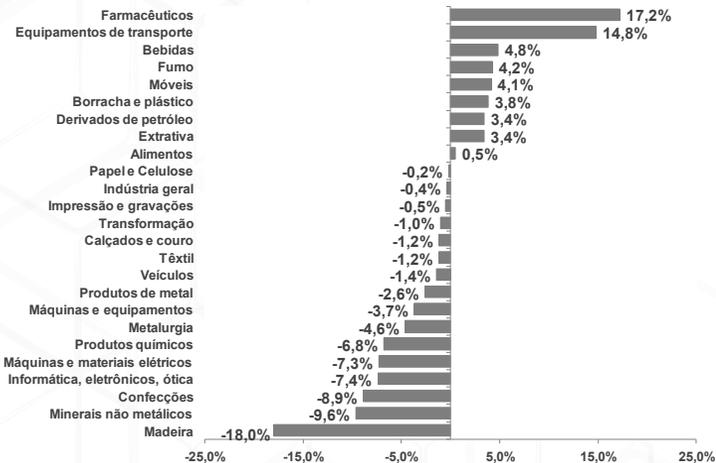
Consumo das famílias impulsiona a indústria de bens duráveis e não duráveis, mas baixo investimento afeta indústria de bens de capital

No primeiro trimestre deste ano, a produção da indústria acumulou retração de 0,4% em relação ao mesmo período do ano passado. Os segmentos de bens duráveis e não duráveis, registraram crescimento de 8,9% e 3,2%, respectivamente na mesma base de comparação, ao passo que a indústria de bens de capital recuou 6,3% no período. Isso denota que o consumo das famílias segue impulsionando a economia, favorecido pelos ganhos de renda, ao passo que os investimentos continuam inibidos pelos juros altos e baixa confiança do empresário.

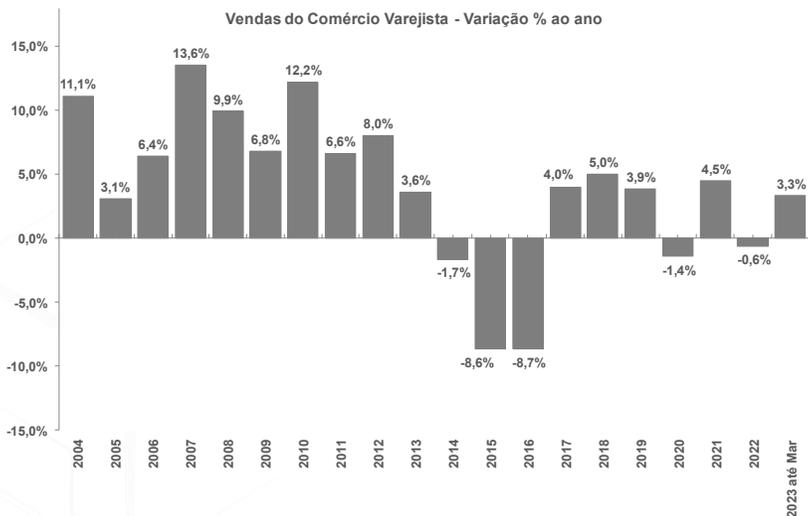
Entre os bens duráveis e não duráveis os destaques de crescimento no primeiro trimestre do ano foram: farmacêuticos, motocicletas, aviões e embarcações (inseridos no grupo equipamentos de transporte), alimentos e bebidas, móveis, combustíveis (Inserido em derivados de petróleo), automóveis (Inserido em veículos. Apesar do crescimento de automóveis, o grupo registrou recuo puxado pela queda de caminhões e ônibus), eletrodomésticos (Inserido no grupo máquinas e materiais elétricos, que registrou retração, pela queda de máquinas e materiais elétricos).

A demanda por bens duráveis tende a desacelerar nos próximos meses em um cenário de juros elevados, piora do emprego, baixo crescimento e demanda saturada. Os bens de capital devem registrar recuperação em 2024, impulsionados pela tendência de retomada dos investimentos, que devem crescer 1,6%, acima portando da estimativa do crescimento do PIB (1,4%). Nesse cenário o PIB da indústria deverá registrar baixo crescimento neste ano, de 0,3% com tendência de aceleração no próximo ano, crescendo 1,0%.

Produção industrial por segmento | Acumulado no ano até março 2023



Segmentos	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023 até Mar
Indústria Geral	-3,0%	-8,3%	-6,4%	2,5%	1,0%	-1,1%	-4,5%	3,9%	-0,7%	-0,4%
Extrativa	6,8%	3,9%	-9,4%	4,5%	0,0%	-9,7%	-3,4%	1,0%	-3,2%	3,4%
Indústria de transformação	-4,2%	-9,8%	-6,0%	2,2%	1,1%	0,2%	-4,6%	4,3%	-0,4%	-1,0%
Alimentos	-1,0%	-1,8%	0,5%	1,2%	-5,3%	1,7%	4,2%	-8,2%	2,4%	0,5%
Bebidas	1,3%	-4,7%	-3,1%	0,8%	0,9%	4,2%	-0,2%	0,3%	3,0%	4,8%
Fumo	-1,5%	-9,3%	-21,7%	20,4%	-4,0%	-0,3%	10,1%	-0,6%	8,6%	4,2%
Têxtil	-6,6%	-15,0%	-4,6%	5,6%	-2,2%	-0,6%	-6,9%	8,4%	-12,8%	-1,2%
Confecções	-3,0%	-11,7%	-5,8%	3,5%	-3,3%	0,8%	-23,7%	12,0%	-8,4%	-8,9%
Calçados e couro	-4,2%	-7,7%	-1,3%	0,8%	-2,4%	-0,4%	-18,8%	4,9%	0,5%	-1,2%
Madeira	-2,6%	-4,6%	1,3%	1,8%	3,6%	-5,5%	-0,4%	12,1%	-12,9%	-18,0%
Papel e Celulose	-1,0%	-0,6%	2,3%	3,3%	5,0%	-3,7%	1,3%	3,6%	3,1%	-0,2%
Impressão e gravações	-3,8%	-18,9%	-11,1%	-10,2%	-0,3%	-1,9%	-38,8%	18,2%	-6,0%	-0,5%
Derivados de petróleo	2,3%	-5,9%	-8,5%	-4,2%	0,7%	1,7%	4,4%	-0,7%	6,6%	3,4%
Produtos químicos	-2,6%	-5,7%	-1,0%	0,9%	-0,1%	-1,5%	0,2%	3,5%	1,1%	-6,8%
Farmacêutica	2,5%	-12,4%	-1,7%	-5,2%	6,0%	-3,7%	2,1%	-3,1%	-1,1%	17,2%
Borracha e plástico	-3,6%	-9,3%	-6,6%	4,6%	0,9%	-1,4%	-2,4%	5,1%	-5,7%	3,8%
Minerais não metálicos	-2,5%	-7,7%	-10,6%	-2,2%	0,5%	1,1%	-2,6%	13,8%	-5,1%	-9,6%
Metalurgia	-7,4%	-8,4%	-6,0%	4,7%	4,1%	-2,9%	-7,2%	15,4%	-5,0%	-4,6%
Produtos de metal	-10,1%	-11,5%	-10,6%	-1,4%	3,1%	4,9%	0,1%	5,2%	-9,0%	-2,6%
Informática, eletrônicos, ótica	-3,1%	-30,1%	-14,0%	20,2%	2,6%	-0,7%	-1,3%	-1,8%	-0,3%	-7,4%
Máquinas e materiais elétricos	-7,0%	-12,0%	-7,3%	-3,5%	-0,3%	0,8%	-2,2%	4,3%	-10,7%	-7,3%
Máquinas e equipamentos	-5,7%	-14,5%	-11,7%	2,8%	3,5%	0,3%	-4,2%	24,0%	-2,3%	-3,7%
Veículos	-16,8%	-25,9%	-12,1%	17,2%	12,8%	2,2%	-27,9%	20,1%	3,0%	-1,4%
Equipamentos de transporte	-0,3%	-9,3%	-19,7%	-10,3%	-2,2%	-8,6%	-29,1%	15,8%	12,9%	14,8%
Móveis	-7,3%	-13,8%	-10,1%	4,5%	-1,3%	0,1%	-3,8%	-2,6%	-16,2%	4,1%

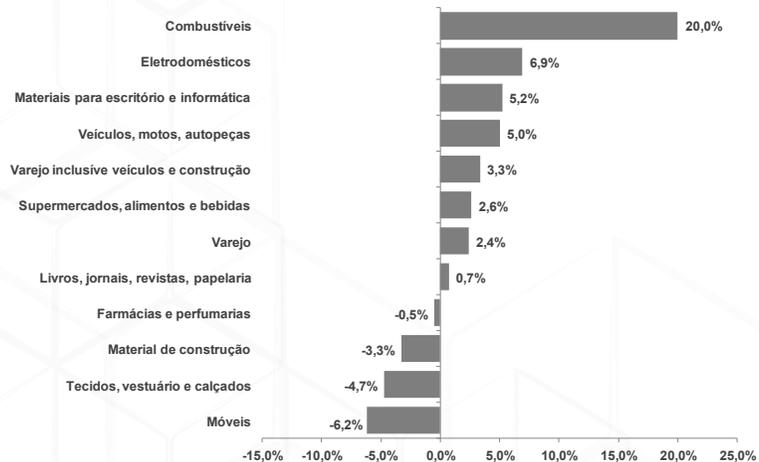


Comércio varejista resente a política monetária contracionista

Os segmentos do varejo que tinham registrado expressiva expansão durante a pandemia, como móveis, eletrodomésticos e materiais para construção, impulsionados pelas baixas taxas de juros e pela necessidade de adaptação das residências ao *home office* e ao ensino remoto, registraram retração de demanda em 2022. A política monetária contracionista impactou negativamente a demanda por esses segmentos, levando o varejo a um recuo de 0,6% no ano. Já os segmentos dependentes de renda, como medicamentos, combustíveis, supermercados e papelaria cresceram no ano, favorecidos pela melhora da renda e do emprego.

No primeiro trimestre de 2023, o comércio varejista cresceu 3,3% sobre o mesmo período do ano passado. Destaques positivos foram supermercados, papelarias, material para escritório, combustíveis, eletrodomésticos, veículos e peças. Os segmentos de móveis, farmácias e perfumarias, materiais para construção registraram recuo. Para os próximos meses o varejo deve desacelerar refletindo a política monetária restritiva.

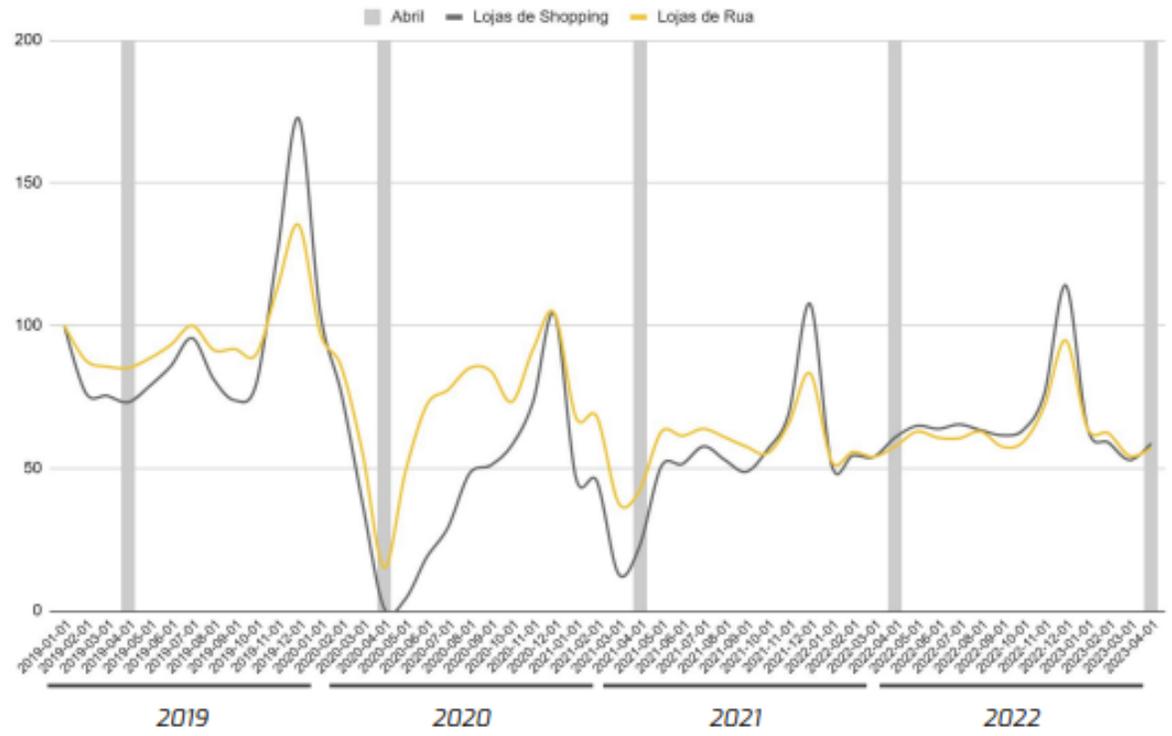
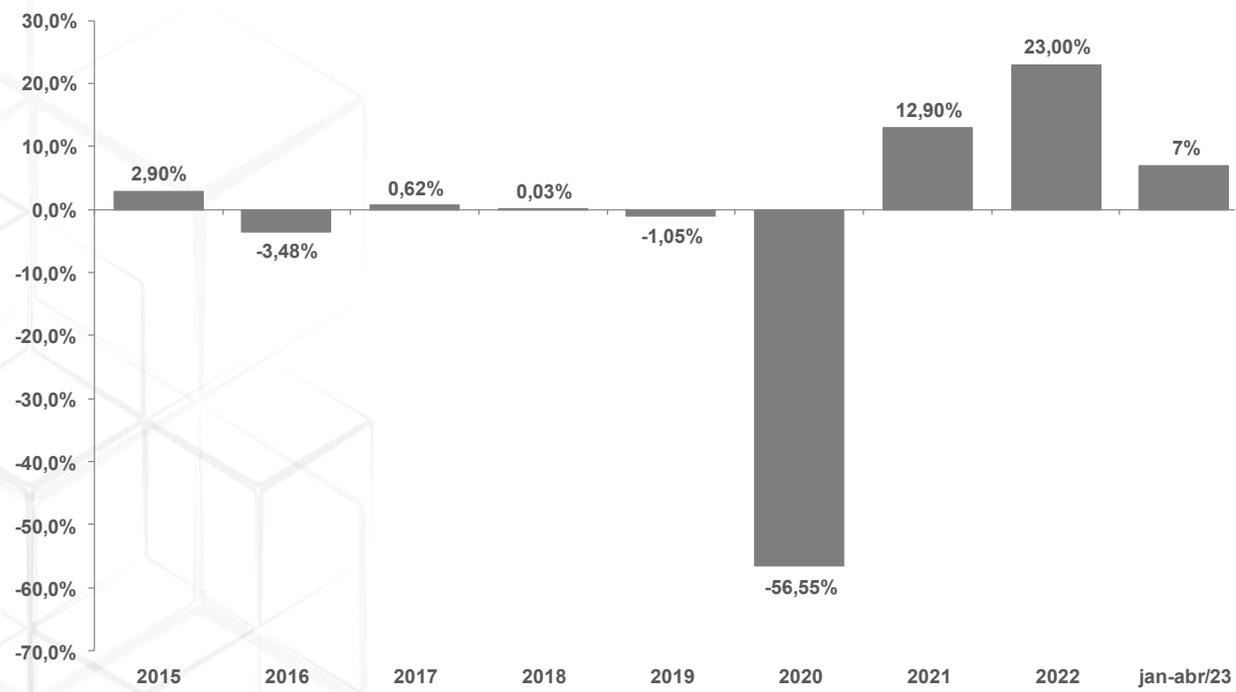
Vendas do comércio varejista por segmento - Acumulado do ano até Março 2023



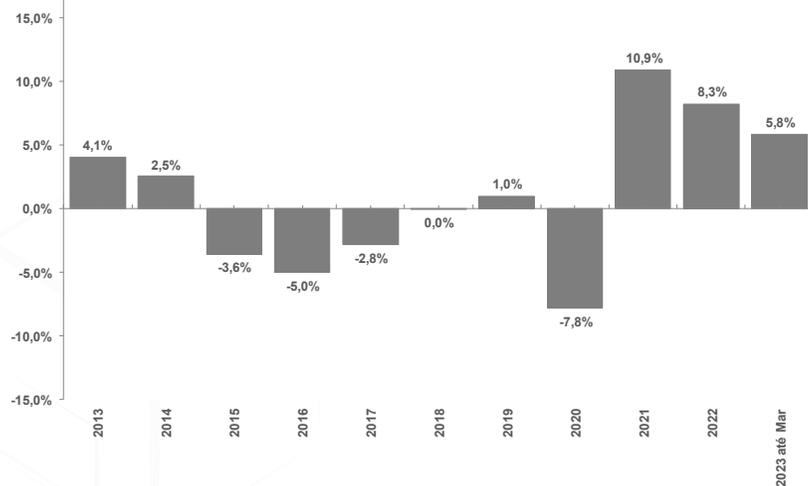
Segmentos	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023 até Mar
Combustíveis	-6,1%	-9,2%	-3,3%	-4,9%	0,6%	-9,7%	0,3%	16,6%	20,0%
Supermercados, alimentos e bebidas	-2,5%	-3,1%	1,5%	3,8%	0,4%	4,8%	-2,6%	1,4%	2,6%
Tecidos, vestuário e calçados	-8,6%	-10,9%	7,6%	-1,0%	0,1%	-22,5%	13,7%	-0,5%	-4,7%
Móveis	-16,5%	-12,1%	1,4%	-3,3%	5,8%	11,9%	-1,9%	-11,1%	-6,2%
Eletrodomésticos	-13,0%	-12,8%	11,6%	0,2%	2,8%	10,0%	-9,2%	-5,1%	6,9%
Farmácias e perfumarias	3,0%	-2,1%	2,5%	5,9%	6,8%	8,3%	9,8%	6,3%	-0,5%
Livros, jornais, revistas, papelaria	-10,9%	-16,1%	-4,1%	-14,3%	-20,7%	-30,6%	-16,8%	14,8%	0,7%
Materiais para escritório e informática	-1,8%	-12,3%	-3,1%	0,2%	0,8%	-16,2%	-2,0%	1,7%	5,2%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-1,3%	-9,5%	2,1%	7,6%	6,1%	2,5%	12,7%	-8,4%	-10,6%
Veículos, motos, autopeças	-17,8%	-14,0%	2,7%	15,1%	10,0%	-13,6%	14,9%	-1,7%	5,0%
Material de construção	-8,4%	-10,7%	9,2%	3,5%	4,2%	10,8%	4,4%	-8,7%	-3,3%
Varejo - inclusive veículos e material de construção	-8,6%	-8,7%	4,0%	5,0%	3,9%	-1,4%	4,5%	-0,6%	3,3%

Fluxo de visitas aos shoppings centers volta a crescer mas ainda está abaixo do nível pré pandemia

Var. % anual do fluxo de vistas aos shoppings centers



Receita de Serviços | Variação % ao ano



Serviços seguem com forte crescimento

Mais afetado pelo lockdown do que a indústria e o comércio, o setor de serviços registrou recuo de cresceu 7,8% em 2020, no entanto com o avanço da vacinação que permitiu a retomada do trabalho presencial e das atividades de lazer, passou a registrar forte recuperação, crescendo 10,9% em 2021 e 8,3% em 2022.

De fato, os segmentos de transporte aéreo e serviços de alojamento e alimentação fora do lar, cresceram 28,6% e 24,4% nessa ordem em 2022. Todos os segmentos de serviços cresceram, com exceção de telecomunicações que caiu 6,7%, afetado pela retração de serviços de TV por assinatura que estão perdendo mercado para o *streaming*.

A partir do avanço da vacinação, a dinâmica mudou a favor dos serviços, que cresceram 10,9% em 2021 e 8,3% em 2022, com melhor performance quando comparado à indústria e ao comércio. Assim, os segmentos de transporte aéreo e serviços de alojamento e alimentação fora do lar cresceram 28,6% e 24,4% respectivamente em 2022.

Essa performance teve continuidade no primeiro trimestre deste ano, com crescimento de 5,8% dos serviços, mas a tendência é de desaceleração, em um cenário de menor crescimento econômico. Os segmentos de alojamento, alimentação e transporte rodoviário de passageiros cresceram 20,6%, 8,8% e 18,9% nessa ordem, na comparação com o mesmo período do ano passado.

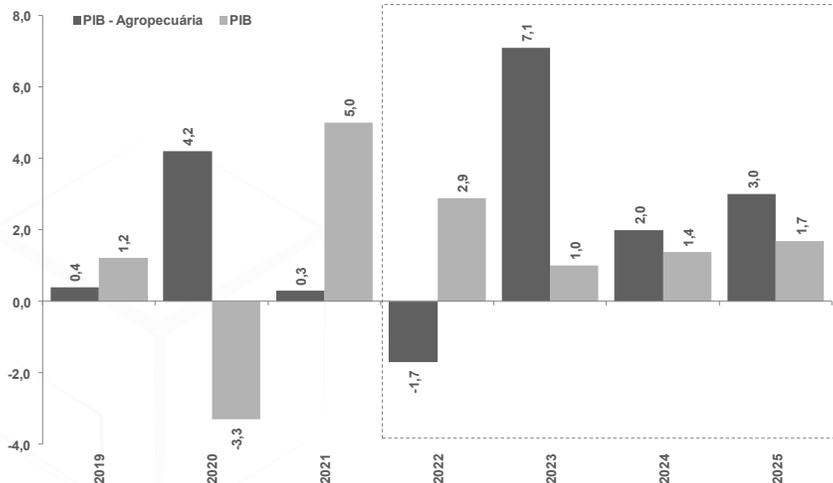
Receita de Serviços por segmento | Acumulado do ano até Março 2023



Segmentos	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023 até Mar
Serviços	-3,6%	-5,0%	-2,8%	0,0%	1,0%	-7,8%	10,9%	8,3%	5,8%
Serviços prestados às famílias	-5,3%	-4,4%	-1,1%	0,2%	2,8%	-35,6%	18,2%	24,0%	8,5%
Alojamento e alimentação	-5,5%	-4,6%	-0,3%	0,9%	3,0%	-36,7%	20,1%	24,4%	8,9%
Alojamento (1)									20,6%
Alimentação (1)									8,8%
Telecomunicações	-0,4%	-3,4%	-2,8%	-2,6%	-0,9%	-3,4%	-0,2%	-6,7%	4,3%
Tecnologia da informação	0,6%	-2,6%	-0,8%	0,2%	3,7%	0,8%	9,4%	3,5%	7,4%
Audíveis, edição e agências de notícias	-3,8%	-7,1%	-7,6%	-4,7%	0,5%	-17,7%	10,1%	2,2%	3,4%
Técnico profissionais	-9,7%	-11,4%	-12,3%	-1,1%	2,9%	-5,5%	12,4%	7,5%	6,2%
Administrativos e complementares	-2,4%	-3,6%	-4,5%	-2,1%	-0,2%	-13,5%	5,4%	7,8%	5,7%
Transporte terrestre	-10,4%	-10,4%	0,9%	2,1%	-2,8%	-11,5%	14,7%	18,5%	12,9%
Transporte Rodoviário de Cargas (1)									6,8%
Transporte Rodoviário de Passageiros (1)									18,9%
Transporte aquaviário	17,6%	-9,5%	17,5%	-0,8%	2,7%	10,4%	14,7%	11,9%	12,0%
Transporte Aéreo	4,3%	1,3%	-19,4%	4,2%	-5,3%	-36,9%	37,5%	28,6%	-4,8%
Armazenagem, correios	-4,0%	-4,9%	8,1%	-0,7%	-2,5%	2,8%	12,0%	2,7%	-2,0%
Apoio aos serviços financeiros (1)									-4,1%
Esgoto, gestão de resíduos (1)									4,3%
Atividades Imobiliárias (1)									11,4%

(1) Em 2023 o IBGE passou a divulgar dados abertos para esses segmentos

PIB Agropecuária e PIB total

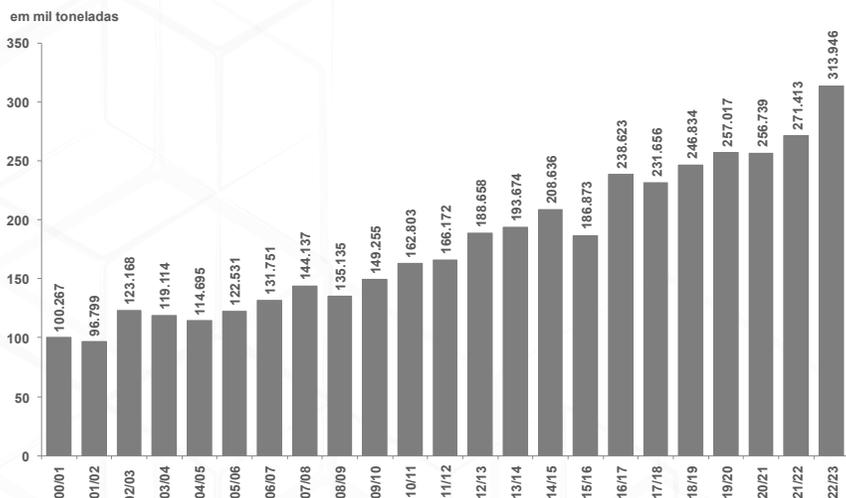


O agronegócio vem registrando recordes de produção nos últimos anos.

Após a reabertura das atividades e a recuperação econômica, as *commodities* voltaram a subir no mercado internacional, mas os custos de produção também subiram fortemente impactando na produção. Com isso, PIB agro recuou 1,7% em 2022.

Para 2023 a expectativa é de crescimento forte do PIB agro de 7,1%, favorecido pela safra recorde de grãos, aumento de 15,7%.

Produção Nacional de Grãos - Arroz, Feijão, Milho, Trigo, Algodão e Soja

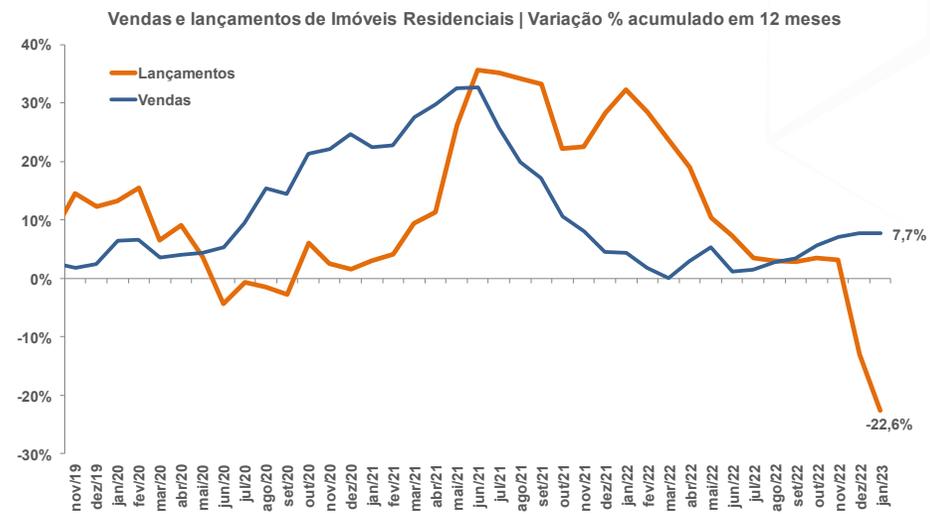
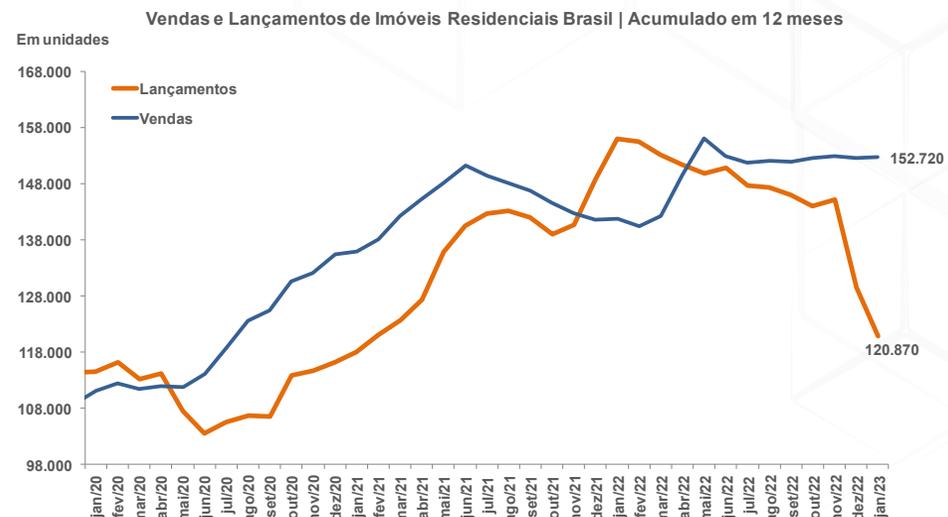


Os lançamentos de imóveis residenciais no Brasil vinham registrando crescimento robusto desde 2016, e passaram a desacelerar desde o ano passado, chegando a um recuo de 22,6% no acumulado de 12 meses até janeiro de 2023. Esse movimento já era esperado tendo em vista o estoque de imóveis novos em comercialização.

As vendas continuam em trajetória de alta desde 2017, refletindo a oferta concentrada principalmente em imóveis do programa Minha Casa Minha Vida, com alta de 7,7% nos últimos 12 meses até janeiro deste ano.

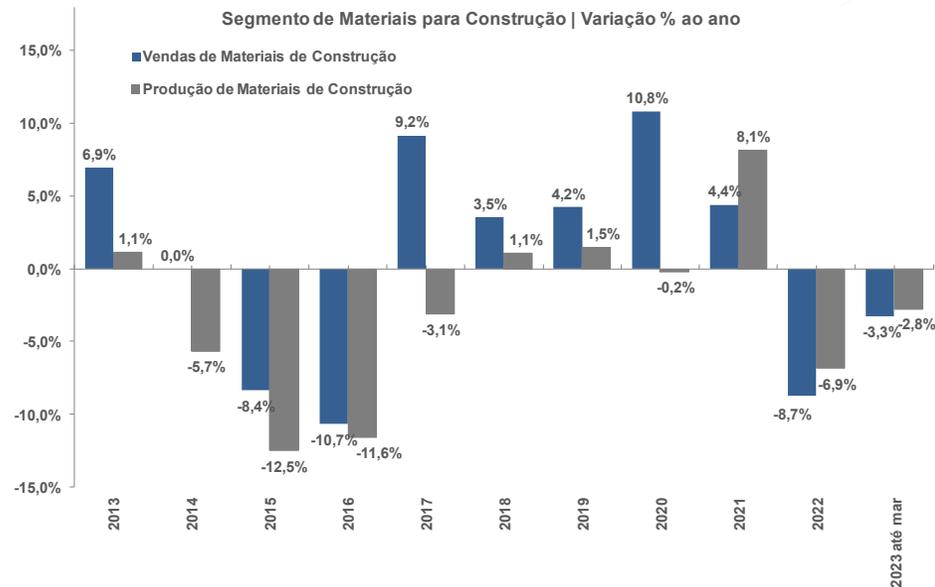
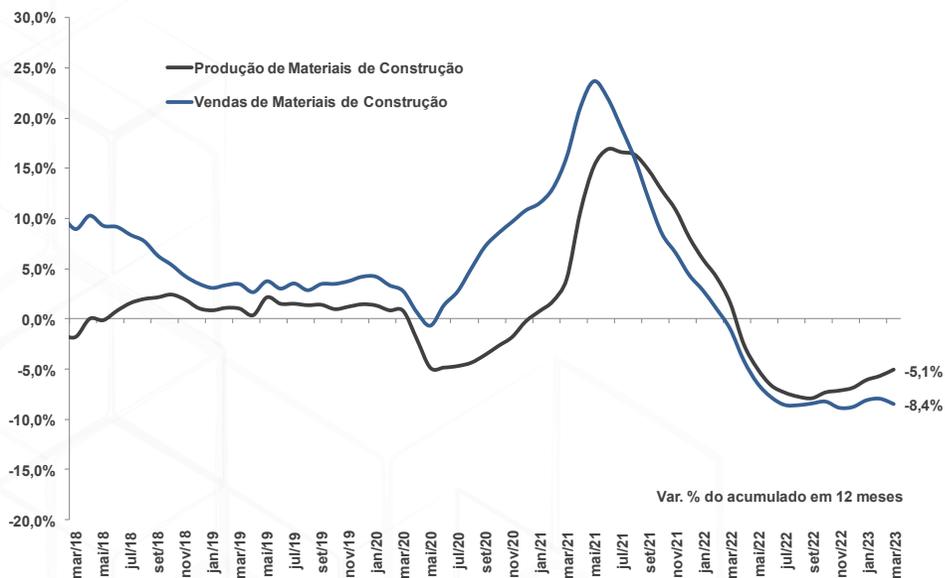
Para os próximos meses, os lançamentos deverão continuar desacelerando, por conta do elevado de estoque de imóveis à venda.

Enquanto as vendas deverão continuar em expansão, porém com crescimento mais moderado do que o registrado nos anos anteriores, em razão das elevadas taxas de juros, que inibem o financiamento.



2022 – No ano as vendas de materiais de construção caíram 8,7% e a produção recuou 6,9%, como resultado da mudança na dinâmica do consumo, já que com a reabertura das atividades, os gastos das famílias voltaram para o lazer e a elevação das taxas de juros inibiu expansão mais robusta do segmento imobiliário. Em 2020 e em 2021 as vendas de materiais para construção cresceram 10,8% e 4,4% respectivamente em razão do redirecionamento de gastos com lazer para reformas e adaptação ao *home office* e ao ensino remoto.

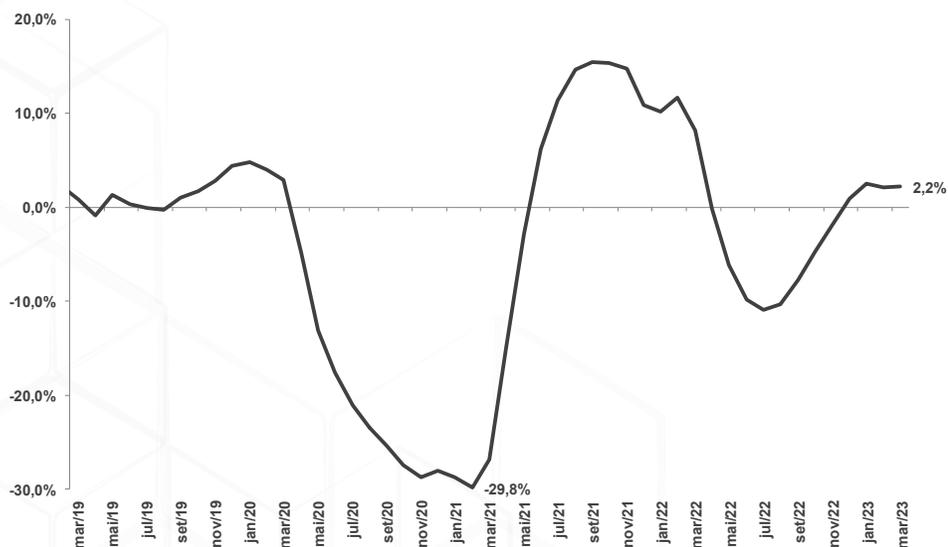
2023 – No primeiro trimestre do ano as vendas de materiais para construção recuaram 3,3% e a produção 2,8% sobre o mesmo período do ano passado. No ano o setor deverá continuar com baixa performance em razão dos juros elevados e da mudança de dinâmica do consumo, hoje mais voltado para serviços.



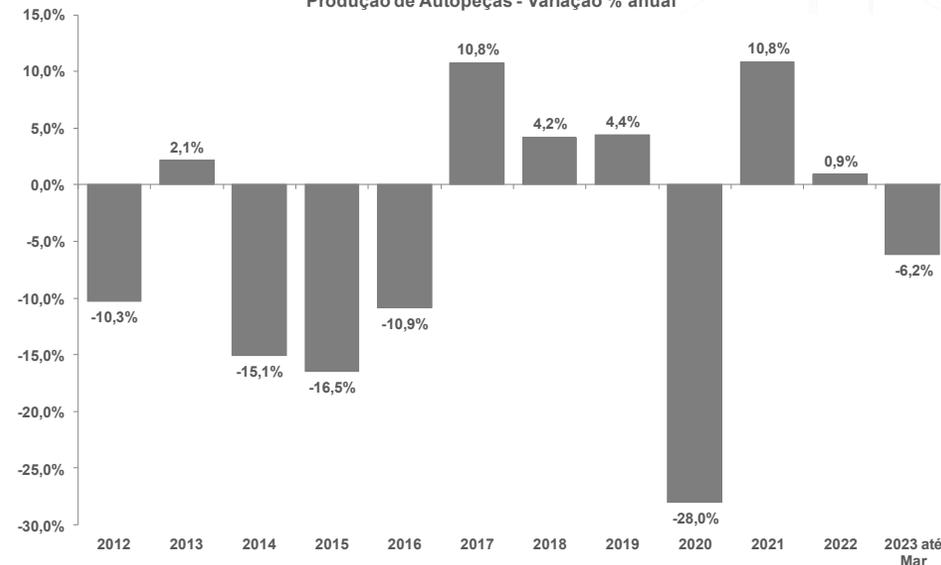
2022 – Ao longo do ano a produção de autopeças e de todo o setor automotivo registrou melhora, a despeito das dificuldades na oferta de componentes. No ano a produção de autopeças cresceu 0,9%, de automóveis 2,8% e de caminhões e ônibus 7,4%. A produção de veículos foi impulsionada pelas exportações que cresceram 27,8%, enquanto as vendas internas caíram 0,7%, segundo dados da Anfavea.

2023 – No primeiro trimestre a produção de autopeças recuou 6,2% em relação ao mesmo mês do ano passado, afetada principalmente pela retração da produção de veículos pesados (caminhões e ônibus) de 16,1% na mesma comparação, por ajuste de produção ao nível de estoques. Ao longo do ano o segmento de autopeças deverá registrar recuperação. O Sindipeças estima incremento de 7,1% do faturamento nominal do setor este ano e a Anfavea projeta crescimento de 2,2% para a produção de veículos leves e pesados.

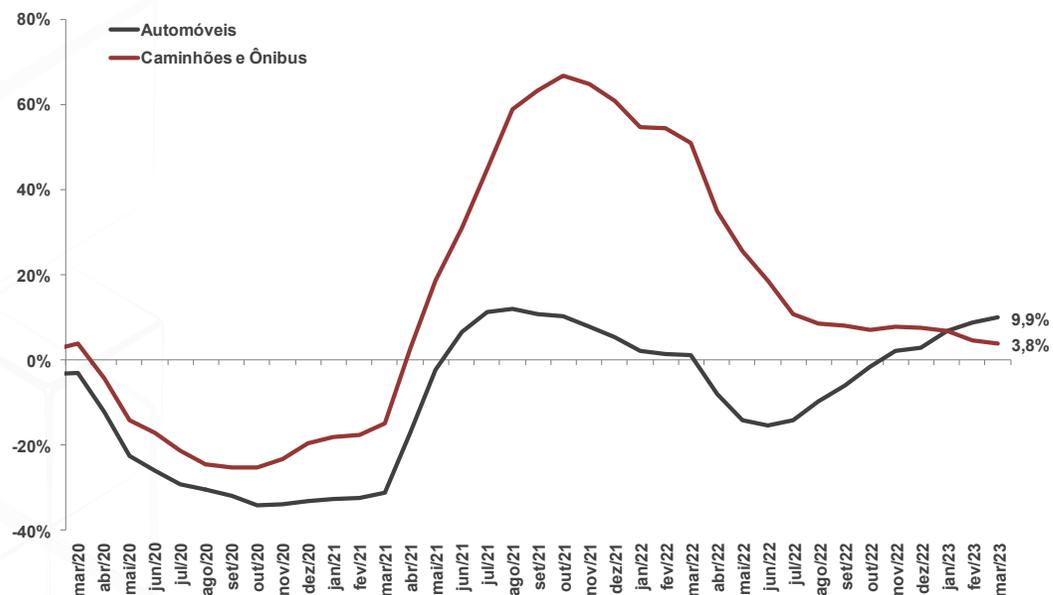
Produção de Autopeças - Variação % Acumulada em 12 meses



Produção de Autopeças - Variação % anual



Produção de Automóveis, Caminhões e Ônibus - Variação % Acumulado em 12 meses



Ano	Autopeças	Automóveis	Caminhões e Ônibus
2012	-10,3%	-1,9%	-36,4%
2013	2,1%	3,9%	33,1%
2014	-15,1%	-13,8%	-23,6%
2015	-16,5%	-21,0%	-44,0%
2016	-10,9%	-11,3%	-15,0%
2017	10,8%	18,7%	26,0%
2018	4,2%	6,6%	37,2%
2019	4,4%	-0,4%	2,5%
2020	-28,0%	-33,2%	-19,6%
2021	10,8%	5,3%	60,8%
2022	0,9%	2,8%	7,4%
2023 até Mar	-6,2%	8,6%	-16,1%



Contato | Nossos Canais



Rua Fernando Camargo, 895 (Sala 93)
13465-020 Americana, SP



+55 (19) 3648-0175 | Telefone



+55 (19) 3648-0175 | WhatsApp



contato@PachecoConsultores.com.br



www.PachecoConsultores.com.br